KAROLINY PAULA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.48-52>

Aquela que caminha com o vento

Antes de qualquer coisa, acredito que tudo que escrevemos é endereçado, independente que isto esteja explícito ou não, cada palavra é santa e tem, em sua constituição, um dono que só quem as colocou no mundo sabe. Se posso escrever esse texto hoje, é por causa de vovó, que faleceu recentemente, aos 62 anos, mas que me criou, me amou e me mimou, além de sempre me estimular enquanto aluna, pessoa, ser humano; ela me ensinou que eu não sou mais que ninguém (mas que também não sou menos) e que a porta da vida é baixa pra gente de nariz em pé não conseguir passar. Vovó lia pouco, escrevia pouco, mas amava como ninguém e me transmitiu tudo de bom que eu tenho. O sonho de vovó era que eu escrevesse um livro, então escrevi esse capítulo e dedico a ela não só esse escrito como toda minha vida. Pode descansar, minha neguinha, teu rebanho está pronto, confia na tua criação.

Sou natural de Recife, mas me criei no Alto São Sebastião, comunidade do bairro de Cavaleiro em Jaboatão dos Guararapes, bairro este conhecido pela feira livre e pela grande quantidade de ladeiras por todos os lados. Karoliny Paula da Silva, filha de Andréa José da Silva, que sempre foi mãe-solo e contou com o auxílio de João José da Silva e Joana Antonia Zacarias da Silva, meus avós, para conseguir me criar. Sou preta, pobre, moradora de comunidade, filha de mãe frentista, neta de um avô que cortou

muita cana e de uma avó que limpou muito chão para sobreviver. Falo tudo isso com muito orgulho, pois foram essas características que fizeram de mim quem sou.

Desde pequena, eu nutria paixão pelos estudos; meu avô, que, desde os 8 anos, cortava cana nos engenhos e que só frequentou a escola até a antiga quarta série, sempre me ensinava a ler com jornais, a contar e distinguir os ordinais dos cardinais. Graças a ele, cheguei à escola aos dois anos e aos quatro eu já lia e escrevia com tranquilidade; me apaixonei por matemática desde sempre, pra mim, minha profissão seria algo relacionado a isso. O avô, quem carinhosamente eu chamo de pai, é o grande homem da minha vida e que sempre me incentivou aos estudos e contribuiu positivamente para isso, querendo pra mim um futuro diferente do que ele já viveu.

Quanto mais eu crescia, mais eu olhava para os estudos como um refúgio, pois sempre que eu me decepcionava ou estava triste, ia preencher os livros didáticos até a professora ter que me pular de série por já ter feito os livros inteiros. Vovó colocava os livros em lugares altos e me distraía pulando corda comigo, jogando vôlei, amarelinha, entre outras brincadeiras, sempre virando criança perto de mim e, apesar do pouco estudo, acabava comigo no vídeo game e em jogos de lógica.

A escola sempre foi um lugar que me inspirou, afinal era na escola onde eu tinha amigos e liberdade de ser. Na minha primeira escola, Tia Irene e Tia Isabel sempre me guiavam a ser proativa e humana, tanto que sempre que eu acabava minhas atividades, corria rapidinho para ajudar na turma de maternal, brincando e pintando com as crianças. Foram muitos tios e tias que me inspiraram e me ajudaram a conseguir viver da melhor forma possível, olhando o mundo por meio de uma ótica social e psicológica. Muitos amigos ficaram pelo caminho, outros perduram até hoje, mas todos eles tiveram sua importância na escrita da minha história.

Meu primeiro contato com o universo acadêmico foi pelo IFPE em 2015, pois passei em nono lugar no curso de Edificações, me matriculei, fui um dia e desisti. Não senti que deveria continuar, todo mundo reclamou comigo, mas vovó passou a mão na minha cabeça, disse pra eu confiar no meu coração e assim o fiz. Em 2016, entrei em Licenciatura em Letras, na UFPE, no qual cursei 4 períodos e, ao participar do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), eu tive contato com sala de aula

e compreendi que aquele não era meu espaço. Foi fácil entender, porque eu sempre acreditei que, se eu não sentisse que poderia exercer minha profissão dentro da minha comunidade, não valeria à pena continuar, mas foi difícil pensar pela ótica da “perda de tempo”. Não acredito mais em perda de tempo, afinal tudo que vivemos nos transforma profundamente e é necessário. Cada entrada e desistência de curso pra mim foi como uma mola para o autoconhecimento e para autodescoberta.

No ano de 2018, já meio desesperançada e me sentindo “boba” por voltar ao pré-vestibular pela segunda vez, passei com bolsa de 100% para uma universidade particular da cidade do Recife pro curso de Psicologia, no qual me (re)descobri enquanto pessoa, humana, profissional e tudo que há. Incrivelmente, saí totalmente da área de exatas e de linguagem para um local totalmente diferente. E, mesmo apenas aos 20 anos, eu me sentia velha demais para entrar de novo em uma graduação.

Não dá para não falar da Psicologia, um curso que me questiona todo diazinho, mesmo que nas férias, mesmo que longe, mesmo que eu não queira. Um curso que alterou a minha forma de olhar para a vida. E cansa. Cansa entender, ouvir, pensar no outro lado, questionar, repensar, pensar no que falar, em como falar, em como me aproximar. Cansa entender que não é sobre mim, que muitas coisas não são sobre mim. Todavia, tudo isso é necessário, e eu o faço devagarinho, todo dia um pouco, desatando nós com as mãos atadas para conseguir ser comigo e, assim, estar com o outro.

No ano seguinte, descobri o Programa Internacional Despertando Vocações, que me ajudou a me mover dentro do mundo acadêmico, mostrando-me as diversas possibilidades que o universo laboral poderia me ofertar. Eu me apaixonei novamente pela sala de aula, mas dessa vez por outra ótica, pelo olhar da Psicologia. Ministrei um minicurso intitulado “O cuidado de si e o cuidado do outro a partir da perspectiva Foucaultiana” e, por meio dessa vivência, vi tudo quanto o PDV podia e pode me fazer crescer enquanto pessoa e profissional.

A partir desse instante, vi que não tinha idade para descobrir aquilo que eu amava fazer, e que eu poderia inspirar outros jovens a ter a mesma descoberta, inclusive meninos e meninas oriundos do mesmo lugar que eu. Finalmente, eu poderia me capacitar para fazer aquilo que eu gostava dentro da minha comunidade, poderia trazer

mais dos meus pra ocupar os assentos nas universidades públicas e privadas deste estado, além de ver mais pessoas pretas ocupando espaços de poder, já que essa é uma realidade tão distante ainda no Brasil.

A família do PDV me acolheu e me abraçou como nunca antes havia acontecido dentro de um programa acadêmico; tive oportunidades ímpares, como ser uma das organizadoras do I Congresso Internacional de Ciências da Saúde, no qual eu pude aprender lições incríveis enquanto organizadora e profissional, visto que tive acesso a cursos da minha área, a pesquisadores e a estudantes com os mesmos interesses que eu: ser profissional para servir à sociedade.

Toda vez que levanto de manhã e vou para as mil atividades acadêmicas que faço, lembro que, para que eu estivesse ali, há muita gente trabalhando lá fora. Inclusive minha, que nunca deixou de me apoiar, ajudar e estar comigo em todas as decisões da minha vida, que chora o meu choro e sorri meu sorriso do meu lado. A melhor e mais generosa pessoa que já conheci. Falo da minha família como quem fala de reis e rainhas que me guiaram até o lugar onde estou hoje e para os voos que ainda vou alçar, porque, na verdade, são minha realeza.

Chegando ao hoje, trabalho com crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA) e isso vem me construindo de um jeito que eu nem fazia ideia que poderia acontecer. Aprendi sobre diferença; o transtorno pode até pode ser o mesmo, mas cada criança tem uma forma única, a sua singularidade. Atendo neném que reconhece diferenças mais rápido que eu, crianças que escrevem com destreza e contam com mais destreza ainda e adultos que não falam. Cada um tem suas especificidades e dificuldades, exatamente como os ditos “normais”. Quando converso com eles, ouço-os devagarinho (e ouvir é mais que as palavras, é ouvir o choro dos não-verbais, o silêncio dos verbais, os gritos desesperados, os soluços baixinhos, os tapas, mordidas e cabeçadas...) e, depois de ouvir, eu elaboro com eles algo único. Se é uma perseguição, a gente desarma ela juntos; se é um crença de desvalor, a gente revê junto; se é um descontentamento, a gente muda essa chave junto. Aprendi a estar verdadeiramente junto de alguém, inteira como eu nunca estive antes, aprendi a ter paciência.

Eu posso pegar na mão da minha criança e apressá-la para andar, comer, fazer um exercício e outras coisas ou posso acompanhá-la pacientemente, vê-la acertar os passos, vê-la mastigar vagarosamente, vê-la curtir os próprios movimentos (ou fazer tudo isso correndo e na ponta dos pés), a paciência é uma virtude dos diferentes que não precisam correr, porque, como diz muitas vezes a sociedade, eles não vão a lugar nenhum. Que sorte a deles não precisar ir a nenhum lugar, não é? A liberdade de ser exatamente o que se é.

Na minha existência, houve diversas desistências, insistências e muita resistência. Apesar de ser boa escrevendo histórias, é difícil escrever a minha, porém se for pra ficar uma lição de tudo que eu disse é: arrisque-se. Não tenha medo de trocar de curso, de confiar em você, de tentar, pois cada passo é importante e nos constrói profundamente. Além disso, ame. Ame as pessoas, reflita sobre a vida delas, acredite e tente melhorar o mundo em que vivemos. Transforme o universo de alguém e mostre pra quem ainda não sabe que a vida é mais do que só aquilo que se vê. Caminhemos com a força do vento em nossas pernas, para que nunca falte leveza para continuar; a dureza das pedras em nossas mãos, para que nunca falte força pra construir; e com a moleza das águas em nosso coração, para que possamos nos moldar ao amor que o mundo precisa. Sejamos atrevidos.